

que a salvação reside na fundação de um novo partido, capaz de encarnar “o que de verdadeiramente [...] regenerador há entre nós”. Tal partido deve ser “rigorosamente individualista, nitidamente desdenhoso de tudo quanto, entre o tumultuar moderno, representa, embora sob a forma de progresso, degenerescência e debilidade sociais...”

Pessoa ouve o eco desse apelo a uma “renascença portuguesa” na vida literária de então. No ambiente “decadente”, mantido pela influência dos últimos simbolistas franceses, que se exprimem no *Mercur de France*, elevam-se novas vozes para exaltar a lusitanidade, em duplo impulso de voltar ao passado longínquo e de se projetar no futuro igualmente longínquo. É a originalidade do movimento de que Teixeira de Pascoaes tomou a iniciativa — associar intimamente estas duas idéias, aparentemente contraditórias: saudade e renascença. A saudade, em que Pessoa vê a essência da *Weltanschauung* portuguesa e galega, remonta a suas origens. É sentimento complexo. A nostalgia, a recordação triste e terna que a palavra designa, tingem-se de melancolia. Mas já no século XV o rei D. Duarte identificava nela uma mescla de alegria e tristeza. Garrett invoca a “Saudade, gosto amargo de infelizes / Delicioso pungir de acerbo espinho”. É baseando-se nessa ambigüidade, diz Jacinto do Prado Coelho no pequeno livro sobre a *Originalidade da Literatura Portuguesa* que “Pascoaes, poeta-visionário, julga encontrar na saudade não só a chave da explicação da psique portuguesa mas ainda o fermento necessário para um ressurgimento nacional... A saudade [...] tem uma face voltada para o passado e outra para o futuro: é lembrança e desejo, melancolia e, simultaneamente, incentivo para a ação”.

Após um período de incubação, o movimento nasce oficialmente no Porto, em janeiro de 1912, em forma de “associação cultural”. Dois anos antes o jornalista Álvaro Pinto fundara uma revista literária, *Águia*, sem orientação definida senão pretender-se “revista de literatura, de arte, de ciência, de filosofia e de crítica social”. Ela será por quatro anos o órgão da “Renascença Portuguesa”, no qual se exprimirão os “saudosistas”. Quem são esses jovens intelectuais reunidos, por pouco tempo, em torno de Teixeira de Pascoaes? É evidente que entre eles se encontram poetas. Jaime Cortesão (1884-1960) virá a ser médico, professor e político; o jovem Pessoa, muitas vezes lison-

jeador em excesso (e talvez com ironia), como Proust, escrever-lhe-á em 1913: “A meu ver é o meu querido amigo [...] o primeiro dos poetas da novíssima geração [...] que apareceu posteriormente à de Pascoaes.” Mário Beirão (1892-1965), então quase adolescente, não publicara ainda nenhum livro quando Pessoa, em 1912, lhe elogia a “perfeição artística” da poesia e a “prodigiosa interioridade”. Antônio Correia de Oliveira (1879-1960) tentou conciliar o saudosismo nacionalista dos intelectuais com a tradição da poesia popular. Afonso Duarte (1884-1958) quis, por seu turno, enraizar o movimento saudosista em tradição ainda mais antiga, a das “canções” da época dos trovadores, escrevendo poemas tão breves como “o instante em que a flor se abre para morrer”. (*o lírio azul de Índia*)

Paradoxalmente, os mais ilustres hoje dos membros da “Renascença Portuguesa” são os ideólogos, que só um ideal republicano comum reunira fortuitamente. O mais próximo de Pascoaes e mais fiel ao espírito do saudosismo é o mais velho do grupo, o filósofo neoplatônico Sampaio Bruno (1857-1915), interessado no esoterismo e no messianismo do “Quinto Império”; é a ele que Pessoa se vai dirigir em 1914 para documentar-se sobre o mito sebastianista. Leonardo Coimbra (1883-1936), filósofo bergsoniano, futuro ministro da Instrução Pública, evoluirá para um neotomismo muito afastado da ideologia de Pessoa. Antônio Sérgio (1883-1968), historiador, sociólogo e crítico literário, também futuro ministro, não tardará a separar-se da “Renascença Portuguesa”, para aderir a um movimento de crítica social cuja expressão, depois de 1921, será a revista *Seara Nova*; será mais tarde o mentor ideológico de várias gerações de intelectuais marxistas, opositores do salazarismo; é considerado o maior pensador político do país. Seu amigo Raul Proença (1884-1941), também ensaísta político, é conhecido sobretudo por ter publicado, a partir de 1925, um importante *Guia de Portugal*.

De início Pessoa se mantém afastado dessa agitação intelectual: é desconhecido, ainda não publicou nada, tem poucos amigos. Mas segue de longe o que se faz, diz e escreve no círculo da “Renascença Portuguesa”. Imagino-o a ler poemas e artigos que aparecem em *Águia* e noutras publicações, animado daquela paixão lúcida, crítica, com que acolhe as verdades novas. O saudosismo é para ele descoberta e confirmação. Entrando no patriotismo como numa religião, adere à “Renascença” como a uma Igreja, cujo dogma é uma visão